

TEATRO

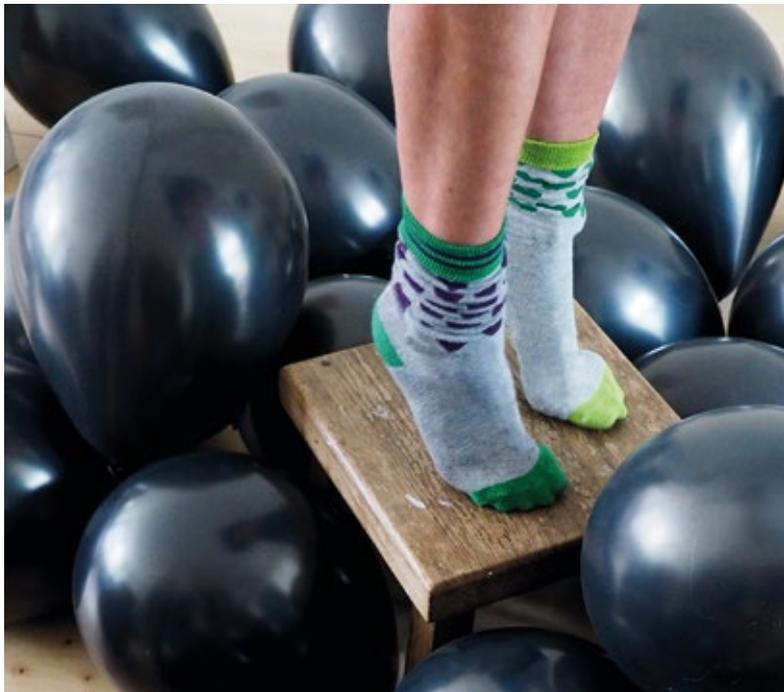
5, 6, 7 NOVEMBRO 2015

Total Eclipse Of The Heart

de Kassys

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Encenação Liesbeth Gritter **Com** GJ Rijnders, Harm van Geel, Peter Vandenbempt, Vincent Brons e Kinky de Werd **Assistência de encenação** Thijs Bloothoofd **Desenho de luz** Gé Wegman
Técnico Cees Beuzekom **Produtor** Markell Helmann **Produtor executivo** Mark Walraven
Produção Kassys **Coprodução** Culturgest, Vooruit e festival Oerol Terschelling **Apoio** Fonds Podiumkunsten, AFK (Fundo de Amsterdão para as Artes), Fonds 21 e VSBfonds
Estreia 27 de outubro de 2015, Frascati, Amsterdão

Qui 5, sex 6, sáb 7 de novembro
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M12
Em inglês, sem legendas

Quatro perguntas a Liesbeth Gritter

Porque é que decidiste tirar um ano sabático e o que te fez querer fazer este espetáculo?

Kassys foi fundado em 1999 e desde então fiz mais de quinze espetáculos. A minha relação de amor/ódio com o teatro foi uma das inspirações principais. [Estes sentimentos de amor/ódio relativamente ao teatro baseiam-se no facto (e são por ele alimentados) de que o teatro é uma experiência ao vivo; acho normalmente muito difícil acreditar naquilo em que os atores estão a tentar que eu acredite porque sou uma testemunha ao vivo. Especialmente quando tenho de “ir atrás” de uma narrativa ou se tenho de acreditar em grandes emoções que estão a ser representadas como a raiva, a felicidade, a tristeza.] O lado obviamente positivo do teatro é para mim uma luta e um desafio.

Mas treze anos depois, fiquei farta. Não tinha inspiração; comecei a repetir-me e já não gostava o suficiente dos meus próprios espetáculos para os mostrar aos outros. Portanto pensei que era altura de fazer uma pausa.

Comprei uma pequena quinta em Junceira (ao pé de Tomar) e vivi ali durante um ano. Uma manhã uma cadela veio visitar-me, dei-lhe comida e ela ficou. Durante os longos passeios com ela pensei muito sobre porque é que já não gostava do teatro mas ao mesmo tempo senti a necessidade de o fazer. E depois começou a crescer a ideia de fazer um espetáculo sobre aquilo que me incomoda tanto no teatro (e também na vida real): o grande

drama, o *pathos* exagerado, a verdadeira teatralidade.

O meu estilo é sempre observador, pormenorizado, estilizado, visual, hipodérmico, físico, com um humor seco.

Queria perceber como é que a minha “assinatura” sobreviveria e poderia desenvolver-se neste tema patético e teatral de *Total Eclipse Of The Heart*.

Querias portanto explorar as grandes emoções através da música pop sem deixar de pensar que no teatro elas são bastante problemáticas? O que aprendeste no *workshop* que orientaste aqui em abril (*Take My Breath Away*, com a participação de 10 criadores portugueses)?

Para mim o *workshop* foi o primeiro passo no desenvolvimento da ideia. Experimentei muitas coisas diferentes. Descobri que os meus dedos do pé se contraem dentro dos sapatos com imensa facilidade (uma expressão holandesa para quando se está a ver algo desconfortável) quando se mostram grandes emoções, mas que se puser isso dentro de uma forma conceptual muito clara consigo trabalhar com isso e ir para além da rejeição inicial. Também aprendi muita coisa sobre as letras na música pop e como usam descaradamente palavras como “nunca”, “sempre”, “nada”, “tudo” e muita repetição.

O que procuras num intérprete? O que é que encontraste nestes quatro intérpretes (e no cão)?

Procuro intérpretes que (em palco) não sejam vaidosos. Que se deixem observar.

Que não me mostrem as coisas, mas que me deixem ver/descobrir na sua atuação.

Os intérpretes que convidei para este espetáculo conhecem o trabalho de Kassys mas não tinham antes atuado juntos num espetáculo. Também procurei diversidade de aspeto e idade (25 aos 65). Os quatro intérpretes têm em comum o facto de serem muito capazes de se deixarem observar.

O Gerardjan Rijnders estava na minha lista de desejos há muito tempo. Como membro do conselho consultivo de Kassys esteve implicado no desenvolvimento do meu trabalho. Acho que é um intérprete autêntico e vulnerável. O Harm van Geel e o Peter Vandembemt já trabalharam ambos com Kassys. São ambos fortes na atuação subtil, mas de modo completamente diferente em termos de aparência. São interessantes de observar quando não fazem nada e chamam a atenção para si.

Conheci o Vincent Brons como estudante curioso durante um *workshop* na escola de teatro. É um intérprete criativo e tem um ar muito belo e delicado.

A cadela é importante porque é a parte (ou o papel) que não fala sobre os seus sentimentos, não finge que está tudo bem, não se conforma aos outros, não quer ser engraçada ou interessante.

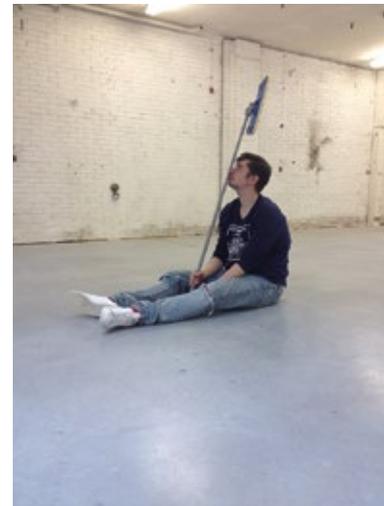
Ela simplesmente “é”. Guiada pelo instinto em vez do intelecto. E um cão vai sempre gostar de ti, portanto também é uma zona de conforto.

O uso ou abuso dos objetos é sempre muito importante nos teus espetáculos, porquê?

Primeiro, gosto da imagem de uma pessoa com um objeto, porque o objeto dá à pessoa uma “cor”. Por exemplo: uma pessoa que anda com uma pilha de pratos vai a algum lado e vem de algum lado. Está a caminho. Dá-lhe literalmente algo para fazer e uma postura. Portanto já não tem de representar isso.

Mas em segundo lugar, também gosto de jogar com o facto de que nós, enquanto adultos, já quase não brincamos como as crianças. As crianças conseguem transformar um monte de tralha num palácio para brincar. Conseguem ver para lá do propósito literal de um objeto e são capazes de usar a imaginação para o transformar noutra coisa.

Para mim o teatro também é sobre isso.



Kassys (fundado em 1999 em Amesterdão) faz peças a partir da curiosidade, espanto e irritação perante os mecanismos do comportamento humano. A fronteira turva entre comportamento falso e verdadeiro desempenha um papel fundamental no seu trabalho. Os seus espetáculos costumam ser bem observados, pormenorizados, estilizados, visuais, físicos e subtilmente cómicos.

Circularam internacionalmente com espetáculos como *KOMMER* (2003) e *Good Cop Bad Cop* (2007). Para *Cliffhanger* (2011) fizeram uma residência no Espaço do Tempo em Montemor-o-Novo. Na Culturgest foram apresentados *LIGA* (2010) e *Cadavre Exquis* (2012, em colaboração com Tim Crouch, Nature Theater of Oklahoma e Nicole Beutler). Para preparar este espetáculo, Liesbeth Gritter orientou em abril na Culturgest o *workshop Take My Breath Away*.

Próximo espetáculo

Maria João e Mário Laginha

Jazz Sex 6 de novembro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h20 · M6



Este concerto, em que Maria João e Mário Laginha vão relembrar temas gravados desde 1996 até hoje, está incluído nas comemorações do 40.º aniversário do Provedor de Justiça.

Próximos espetáculos de teatro

Hoke's Bluff Slap Talk

Dois espetáculos de Action Hero

Teatro Qua 2, qui 3, sex 4 de dezembro

Sáb 5 de dezembro · M12



Os Action Hero levam o jogo a sério. Em *Hoke's Bluff*, como num filme de liceu, tudo depende deste lançamento livre. Desta jogada em superioridade numérica. Destes últimos segundos. Nas seis horas de *Slap Talk* bombardeiam-nos com a violência da conversa de amantes, de um canal de vendas ou de um pregador apocalíptico.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiária:

Carlota Carmo

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Aleksandra Kotova

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt